



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS UNIVERSITÁRIO OSMAR DE AQUINO**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ANDRIELLY DOS SANTOS CORCINO**

**O PERFIL E PERCEÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA  
ESCOLA JOHN KENNEDY SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**GUARABIRA – PB**

**2013**

**ANDRIELLY DOS SANTOS CORCINO**

**O PERFIL E PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA  
ESCOLA JOHN KENNEDY SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (UEPB)

GUARABIRA – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

C465p

Corcino, Andrielly dos Santos

O perfil e percepção dos alunos do ensino fundamental II da Escola John Kennedy sobre o ensino de língua portuguesa / Andrielly dos Santos Corcino. – Guarabira: UEPB, 2013.

20 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

1. Língua Portuguesa - Ensino 2. Processo de Ensino-Aprendizagem 3. Alunos – Ensino Médio. I. Título.

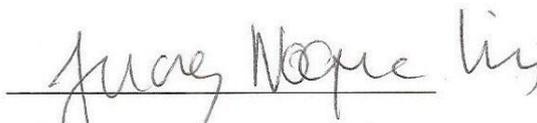
22.ed. CDD 410

ANDRIELLY DOS SANTOS CORCINO

O PERFIL E PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA  
ESCOLA JOHN KENNEDY SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

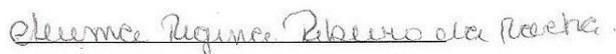
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena  
em Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em 29,00, 2013



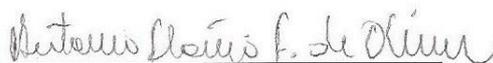
Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins / UEPB

Orientador



Prof. Ms. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins (FIP)

Examinadora



Prof. Mestrando Antônio Flávio Ferreira de Oliveira (UEPB)

Examinador

## **O PERFIL E PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA JOHN KENNEDY SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

<sup>1</sup>CORCINO, Andrielly dos Santos.

### **RESUMO**

Os estudos a partir da década de 70 já sinalizavam uma crise no ensino, de modo geral e, também, sobre o ensino de língua portuguesa. Os estudos atuais confirmam essa crise e, hoje, dizem que ela faz parte do senso comum. Enquanto licencianda do Curso de Letras e bolsista do Subprojeto de Língua Portuguesa do PIBID/UEPB/CH nos questionamos: quem são os alunos de língua portuguesa do JK? Como esses alunos vêem o ensino de língua portuguesa nas suas escolas? Com o objetivo de discutir a temática, realizamos uma pesquisa de campo, qualitativa para levantar dados sobre os alunos e ensino de língua portuguesa na E. E. E. F. John Kennedy. Como suporte teórico nós utilizamos alguns pressupostos de Antunes (2003), Geraldi (2002), Travaglia (2001), PCN'S (1998) e outros. Chegamos à conclusão que: os alunos da escola são alunos que se interessam pelo ensino de língua portuguesa, mas aquele ensino que realmente os faça interagir com o mundo.

**Palavras-chave:** Percepções. Alunos. Ensino. Língua Portuguesa

### **INTRODUÇÃO**

Enquanto licencianda de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, imbuída em leituras sobre a área de LP (língua portuguesa), foi discutido a crise do ensino de língua materna. Esta crise pode ser acompanhada de perto, através do estágio supervisionado de Letras e, pela minha incursão nas escolas públicas, através do Subprojeto de LP do PIBID/UEPB/CH, cuja área de atuação foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental John Kennedy, em Guarabira/PB. Em contato mais amplo, pode-se conviver com os problemas e as possibilidades dessa Escola. Foi então, que surgiu a ideia de conhecer e discutir o perfil dos alunos de LP e suas visões/percepções sobre o ensino de LP ministrado na escola. Após as leituras realizadas no projeto PIBID, sobre a temática (GERALDI, 2002; ANTUNES, 2003; PCN, 1998) foi resolvido levantar dados sobre o perfil e as percepções de alunos e professores sobre a escola. Nesse momento, foi direcionada a pesquisa aos alunos da escola. Eles (20) alunos responderam um questionário sobre o cotidiano do ensino de LP com 35 questões, das quais escolhemos 10 para discutir o ensino da mesma. Uma pesquisa quantitativo-qualitativa/interpretativista. Este artigo foi dividido em três tópicos – o primeiro aborda o

---

<sup>1</sup> Licencianda em Letras e Bolsista PIBID/UEPB/CH

ensino-aprendizagem da LP na escola básica. O segundo traz uma caracterização da escola John Kennedy para situar o objeto de pesquisa e, o terceiro traz a apresentação e discussão dos dados da pesquisa. Em seguida, as considerações finais.

## **1. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA BÁSICA: O QUE DIZ A TEORIA E O QUE SE VÊ NA PRÁTICA**

Não é de hoje que o ensino de LP ministrado em boa parte das escolas de educação básica brasileira tem sido alvo de críticas em relação à eficiência e qualidade. Essas críticas têm provocado diversas discussões no meio acadêmico, sobretudo em cursos de formação docente. Isso, tem se acentuado nos últimos anos em virtude da instituição de exames oficiais de verificação da aprendizagem por meio de instrumentos como o Enem e a Prova Brasil, por exemplo, os quais têm revelado um cenário preocupante quanto ao nível de desempenho de alunos no tocante às habilidades básicas como ler e escrever.

Com enorme dificuldade de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece em sua volta. Naturalmente, como tantos outros vão ficar à margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade. (ANTUNES, 2003 pg. 20).

Essa realidade motivou a criação e implantação de diversos projetos e programas de formação continuada de professores com a finalidade de melhorar a qualidade do ensino e o desempenho de estudantes em avaliações de verificação da aprendizagem. Entre esses programas, foi destacado: os Parâmetros Curriculares Nacionais em Ação, que atenderam docentes da Educação infantil e do Ensino Fundamental, entre os anos de 2002 e 2004. Em seguida os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Estes dois instrumentos de reflexão sobre o ensino trouxeram algumas contribuições para a sala de aula, como o incentivo aos alunos na sala de aula quanto à prática de escrita e leitura. A mais importante foi sem dúvidas, a introdução, do texto como elemento irradiador dos saberes construídos na escola. Na área de LP, principalmente. De acordo com os PCN, a escola deve buscar:

[...] a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente. E viabilizar o acesso do aluno ao universo de textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e interpretá-los (PCN, 2000, p. 30).

O ensino de LP, cujo objeto é a linguagem, em uma expectativa textual, deve discutir o uso de textos como unidade de ensino, e não como mero pretexto – para destacar conteúdos gramaticais. O texto como unidade de ensino pressupõe um trabalho que articula as três práticas de linguagem apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais: a) prática de leitura de textos orais e escritos; b) prática de produção de textos orais escritos e c) prática de análise linguística. Em comum entre elas, o pressuposto de que somente relacionando uso-reflexão-uso. Desta forma é possível pensar um ensino de língua portuguesa produtivo, em que o aluno passe da condição de sujeito passivo para a de alguém que constrói seu próprio conhecimento (TRAVAGLIA 1996), ou seja, produtivo no sentido de que o aluno interaja dentro da sala junto com o professor. Dessa forma, o aluno percebe como a estrutura da língua se concretiza, nos mais diversos gêneros textuais, lidos e produzidos por ele. O grande desafio que se apresenta ao professor é, então, mostrar como trabalhar as três práticas de linguagem apresentadas nos Parâmetros Curriculares de maneira articulada.

Se trabalhadas de maneira articulada, as três práticas de linguagem apresentadas pelos PCN'S podem proporcionar ao aluno uma visão da LP como algo muito mais próximo da sua realidade e desmistificam a idéia de que aprender português é algo difícil. O professor, ao selecionar o texto a ser trabalhado em sala de aula, deve atentar para as características predominantes do material escolhido, destacando aspectos especificamente de compreensão e interpretação e também relacionando questões gramaticais à leitura. Se considerar que as respostas dos alunos já são uma produção de texto, o trio está completo, mas é importante também que algumas atividades sejam de produção de um texto específico. O que deve ser feito, em qualquer aula e em qualquer atividade, é considerar que, independente do gênero textual, o material produzido e lido pelos alunos faz parte de uma situação de interação e pressupõe um interlocutor que tem uma finalidade. Assim, o texto deixa de ser algo abstrato, passando a ser algo prazeroso que mexa com a psique, a imaginação do aluno, cujo único objetivo era servir de avaliação do professor. Caminhado lado a lado com as novas proposições para o ensino da LP – perspectiva textual – encontra-se o ensino tradicional, aquele centrado nas aulas expositivas em que o professor é o centro do processo ensino-aprendizagem: ele expõe os conteúdos e os alunos copiam os modelos propostos. Nesse ensino valoriza-se a memorização, a repetição e a exatidão. O professor é o transmissor do conhecimento, enquanto o aluno o receptor e reproduzidor (e não produtor) do conhecimento transmitido pelo professor. A ênfase desse processo pedagógico recai na memorização a partir de atividades repetitivas e mecânicas, geralmente, sem sentido para os alunos (TARDELLI, 2002). Infelizmente, esse cenário ainda se encontra presente em muitas escolas públicas,

apesar dos avanços e da disposição de vários professores que tentam adequar o ensino de língua portuguesa à nova realidade – o mundo da informação, da comunicação diversificada e, portanto, de diferentes possibilidades.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA JOHN KENNEDY

### 2.1 A escola

A Escola Estadual de Ensino Fundamental John Kennedy atende a clientela dos bairros: Primavera, Nações, Bela Vista, Cordeiro, Novo, São José, nos sítios Carrasco, Itamataí, Encruzilhada, Maciel etc., da cidade de Guarabira-PB. Esta tem sua localidade na Rua John Kennedy, s/n, Bairro Novo, Guarabira – PB. Ela teve sua fundação em outubro de 1965 como entidade filantrópica do governo estadunidense, sendo assim nomeado em memória do presidente dos Estados Unidos.



Foto 01 – Frente da EEEF John Kennedy



Foto 02 – Biblioteca da Escola

De acordo com a imagem a cima, a escola apresenta em sua estrutura, a frente um pouco conservada, mas, que precisa de investimentos assim como no seu interior, pois ela se dispõe de uma estrutura que contém apenas um bloco dividido em: sete salas de aula, secretaria, diretoria, sala para professores, uma biblioteca de pequeno porte (conforme foto 02), um refeitório com cantina, um ginásio de esportes, uma sala multifuncional, uma sala de recursos multimídia, cinco banheiros (dois masculinos e dois femininos) sendo que um de cada, adaptado para deficientes físicos e para professores e funcionários da escola, contém também um terreno baldio para projetos pedagógicos e construção futura.



Foto 03 – Gestora escolar, primeira à esquerda e professores da escola.

A foto apresentada mostra o corpo docente da escola ao lado da gestora escolar, em uma confraternização, na qual elas sempre comemoram (qual data seja: São João, dia das Mães, dia dos Professores etc.). Os RH da escola atualmente é dirigida pelas Professoras Josefa Pereira da Silva (Gestora) e Ana Cecília Trocolly (Adjunta), três coordenadoras pedagógicas, uma supervisora, trinta e cinco professores habilitados para o efetivo exercício do magistério, e vinte três funcionários incluindo agentes administrativos, secretário, porteiro, agentes de vigilância e auxiliares de limpeza.

Dos recursos pedagógicos, podem ser citadas três copiadoras, uma profissional e uma impressora, três computadores, sendo um para a sala multifuncional com recurso didático, dois televisores, dois aparelhos de DVD, um retroprojeto e três aparelhos de som.

Em 1981, a escola foi reconhecida pelo Decreto 8964/12-03-81, durante o governo de Tarcísio Burity. A partir de então, integrou-se à 2ª Gerência de Ensino da Paraíba que exercem um trabalho de gestão democrática juntamente com alunos e funcionários.

A escola atende às modalidades de ensino de anos iniciais do ensino fundamental – 1º ao 5º Ano; anos finais do ensino fundamental – 6º ao 9º Ano; anos iniciais do ensino fundamental na modalidade EJA; anos finais do ensino fundamental na modalidade EJA; Ensino Médio – EJA. Todas com alunos de variados níveis de idade.

Quanto ao IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que foi criado pelo Inep em 2007 com a intenção de indicar dois conceitos para a qualidade da educação e melhoria do ensino que são: o fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações, como a Prova Brasil.

Ele agrega ao enfoque pedagógico dos resultados das avaliações em larga escala do Inep a possibilidade de resultados sintéticos, facilmente assimiláveis, e que permitem traçar metas de qualidade educacional para os sistemas. (<http://www.educacao.al.gov.br/indicadores/ideb/o-que-e-ideb>).

A escola-campo John Kenndy apresenta defasagem nos níveis de leitura e escrita –, devido ao iletrismo, desestímulo de alunos para com o estudo nas diferentes áreas. Além disso, não disponibiliza de sala para criação de laboratório de recursos didáticos e faltam espaços convidativos para leitura, entre outras dificuldades, como a escrita. Isso é observado no Gráfico 01 a seguir que todas essas dificuldades refletem no resultado final com sua média muito baixa em relação ao ensino.

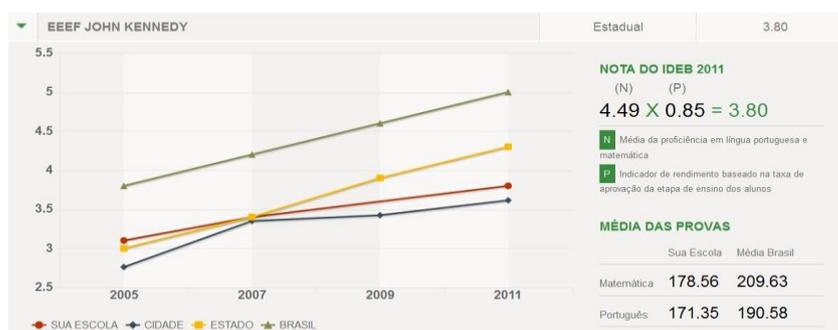


Gráfico 01 - IDEB<sup>2</sup>

“O Nordeste concentra os índices mais baixos do Ideb nos anos finais do ensino fundamental. A média na região é de 3,5 pontos, acima da meta projetada de 3,3 pontos.” De acordo com G1. Esse resultado vem preocupado muito, pois, o ensino precisa ser melhorado e ver qual ponto crítico dessa consequência.

Embora diante de tantas problemáticas, participa dos programas “Mais Educação”, “PDDE” (Programa Dinheiro Direto na Escola), “PNAIC” (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) e PIBID (fotos 04, 05 e 06), com vistas a executar uma política de igualdade e educação de qualidade para todos.



Foto 04



Foto 05



Foto 06

<sup>2</sup> Gráfico IDEB 2011

A Escola objeto da pesquisa apresenta dificuldades, sobretudo de ordem estrutural (é um espaço pequeno para acolher uma clientela grande). Não há um ambiente físico para se disponibilizar com os projetos, para a instalação de uma biblioteca e melhor bem-estar de gestores, funcionários, e principalmente para professores e alunos. Além desse, as outras dificuldades que afligem todas as escolas públicas do país. Não obstante disso, foi visto no dia a dia, que a escola segue sua rotina e, os projetos, entre eles o PIBID, aos poucos, vão transformando a cena escolar. Também procurar estar empenhada em planos didáticos que visam o progresso dos níveis de aprendizagem e acréscimo de habilidades da escrita, da leitura, da matemática etc., tais como: Revisando os primeiros saberes; Ler é uma fascinante viagem em: O fantástico mistério de Feiurinha; Jornal Kennedy; Tecendo leitores, entre outros. Com método de Interdisciplinaridade, aumentado a capacidade de o aluno criar e recriar textos.

## 2.2 – Os alunos do John Kennedy

São em torno de trezentos e cinquenta alunos espalhados em dezoito turmas, que abrangem as diferentes modalidades de ensino oferecidas. A faixa etária compreende alunos dos seis (fundamental I) aos setenta anos de idade (com a modalidade EJA).

Eles vem de diversos bairros da cidade de Guarabira-PB e municípios da mesma, tais como: Cordeiro, Nações, São José, Primavera, Novo e localidades rurais. Eles pertencem às camadas de baixo nível social. A maior parte desses alunos e suas famílias são beneficiadas pelo Programa Bolsa Família do Governo Federal, motivo pelo qual, apronta-se que muitos problemas sociais gravitam em torno dos lares desses alunos e acabam se refletindo na escola de forma negativa, como a defasagem. Há aqueles cuja assiduidade se justifica pela condição ou existência da merenda, ou aqueles que “fogem” da escola pela falta de incentivo dos próprios pais e/ou carência de infraestrutura para acolher suas especificidades.

A escola é desprovida de profissionais que poderiam auxiliar o trabalho educativo, como fonoaudiólogos, assistentes sociais, psicólogos, entre outros. Mas, há uma parcela considerável de alunos que nos levam a superar desafios e seguir nessa carreira de construtor de sonhos.

### **3. O PERFIL E A VISÃO DOS ALUNOS SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA JOHN KENNEDY**

#### **3.1 - Metodologia e Instrumento De Pesquisa**

##### **Pressupostos Metodológicos**

A pesquisa teve como espaço de aplicação a escola. O bolsista PIBID, com a permissão dos professores de cada turma, solicitou que 05 alunos voluntários de cada turma pudessem sair da sala de aula para responder a um questionário. Foram reunidos no pátio da escola e, com ajuda dos bolsistas, responderam e entregaram os mesmos aos entrevistadores.

Uma pesquisa com características de aspectos quantitativos utilizando-se de estatística, analisada e classificada e qualitativa que pretende verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo interpretações dos resultados obtidos, contribuindo no processo de mudança (DIEHL, 2004); características essas que levam com base de seu esboço, as questões ou dificuldades específicas, com o emprego de entrevistas e a de questionários, conforme foi trabalhado.

##### **Instrumento de pesquisa**

Foi utilizado um questionário com perguntas fechadas e abertas contendo (35) questões abordando desde questões sócio-culturais até, e principalmente, questões sobre o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, abordando o potencial do ensino básico. Os dados alçados, foram debatidos em estatísticas em uma planilha excel e exibidos em configuração de gráficos para constatar a percentagem da “quantidade e qualidade” do ensino.

#### **3.2 – Apresentação e Discussão dos dados da Pesquisa**

Depois de ter sido realizada a pesquisa, com resultados obtidos, pode-se notar que existe uma grande diversidade no que se dizem respeito a opiniões, gostos pedagógicos e sua dimensão histórica e uma entre sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto de estudo.

A sala de aula é um espaço de vivência, de convivência e de relações pedagógicas, espaço constituído pela diversidade e heterogeneidade de ideias, valores e crenças. Assim, é impregnado de significado, é espaço de formação humana, onde a

experiência pedagógica – o ensinar e o aprender – é desenvolvida no vínculo: tem uma dimensão histórica, intersubjetiva e intra-subjetiva (VALDEZ, 2002, p.24).

Pesquisar esse cotidiano da sala de aula se constitui então, um desafio, que foi resolvido enfrentar, a partir do momento que fui inserida na aula de português do Ensino Fundamental II da Escola John Kennedy, enquanto bolsista do Subprojeto de Língua Portuguesa PIBID/UEPB/CH. Abaixo, apresentarei (um recorte) dos resultados e as discussões dessa pesquisa. Realizada com intuito de melhorar o ensino, inserindo o texto como elemento importante para o estudo, através dos resultados obtidos.

Gráfico 01

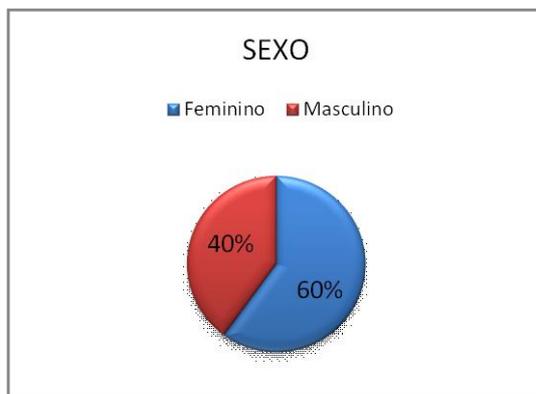
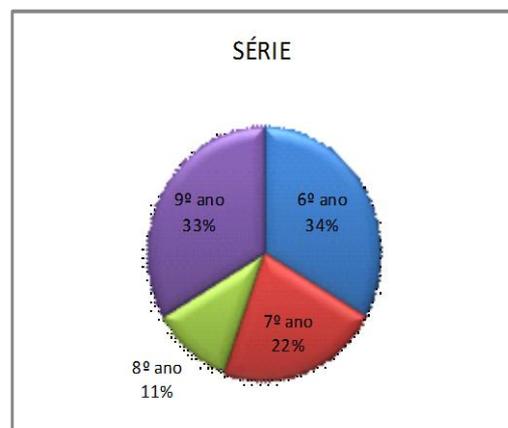


Gráfico 02



Através dos gráficos pude perceber dois aspectos relevantes: um diz respeito ao percentual de alunas em relação aos alunos. Aquelas se encontram em maior número na escola. Este dado coincide com os dados do IBGE (2010)<sup>3</sup> que indica o crescimento do gênero feminino na Educação Brasileira na qual, Fundamental completo e médio incompleto/completo e superior, sua totalidade é maior referente aos homens. No país, elas já são maioria, principalmente na educação básica. Outro resultado importante mostrado no gráfico é o equilíbrio entre os alunos que iniciam o fundamental II, 6º ano, 34% e aqueles que finalizam o ensino fundamental, na última série, o 9º ano, 33%. Aparentemente, a mesma quantidade de alunos que iniciam o ensino fundamental II, terminam esta fase de ensino.

<sup>3</sup> Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Gráfico 03

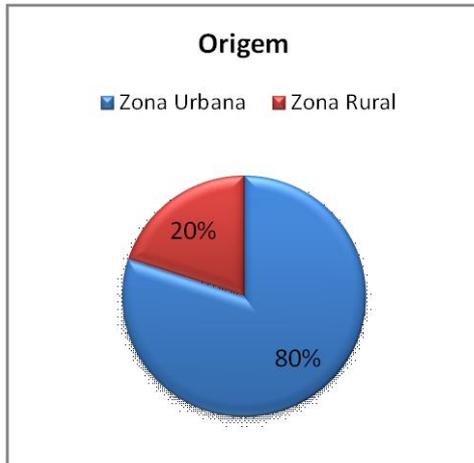


Gráfico 04

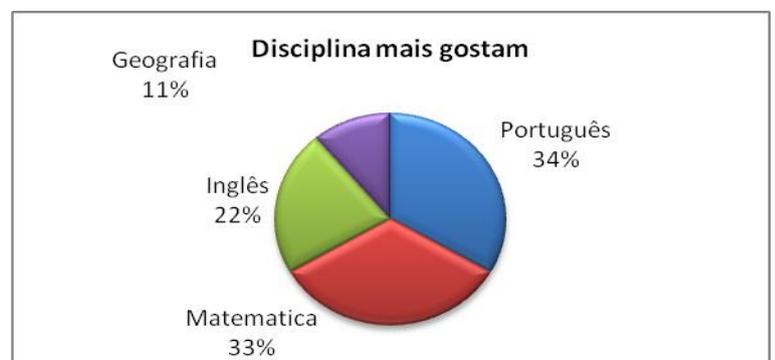


No Gráfico – 03 percebemos que a escola John Kennedy é uma instituição de clientela predominantemente urbana 80%. Mas o número de alunos do meio rural 20% em uma escola urbana a precariedade de escolas, de ensino e/ou de vagas nas áreas rurais do município de Guarabira-PB. Dados do IBGE comprovam esse aumento de escolaridade com alunos da área urbana, referente à rural.<sup>4</sup> São alunos que enfrentam, além da precariedade do ensino, a precariedade dos transportes, que em geral, ficam a mercê da política local. No Gráfico – 04 pode-se perceber que no ensino fundamental, 50% dos alunos correspondem à faixa etária normal para as séries. 30% ainda podem ser considerados da faixa etária, mas já extrapolam um pouco. E, 20% se encontram fora dessa faixa etária. Esse é um dos problemas enfrentados pelos professores de todas as áreas, também pelo professor de português: ensinar alunos com níveis de amadurecimentos desiguais. O planejamento da disciplina e os planos de aula, nem sempre atende as expectativas de todos os alunos.

Gráfico 05



Gráfico 06



<sup>4</sup> Censo Demográfico 2010 - Educação - Resultados da Amostra

No Gráfico 05, o que se pode perceber é que as disciplinas que os alunos menos preferem são: ciências e matemática, ambas com a mesma porcentagem, 30% e isso, possivelmente, se deve ao fato das aulas serem muito teóricas, com poucos recursos para dinamizar ou, até mesmo pelas dificuldades que os alunos apresentam, principalmente em relação à disciplina matemática. De toda maneira, a questão metodológica deve influir positivamente ou negativamente na execução dessas aulas. No Gráfico 06, a pesquisa aponta que a disciplina que os alunos mais gostam é do Português por apenas 1% de diferença, talvez, por trabalhar com a linguagem, que se reflete mais no seu cotidiano. No entanto, acredito que se trate da metodologia adotada pela professora de língua portuguesa, que procura inovar nas suas aulas – trabalha em uma perspectiva textual e diversifica os recursos didáticos. Mesmo gostando da disciplina, eles encontram dificuldades em relação à escrita e à leitura, elementos essenciais para o desenvolvimento produtivo na disciplina de LP e em outras.

Desde que nascemos, aprendemos a interpretar gestos, olhares, palavras e imagens. Esse processo é potencializado pela escola, por meio da leitura e da escrita, o que nos dá acesso a grande parte da cultura humana. Isso envolve todas as áreas, pois, mais do que reproduzir o som das palavras, trata-se de compreendê-las... (REVISTA ESCOLA)

O estudo da LP é de fundamental importância para o meio escolar. Pois abre possibilidades de interação com outras disciplinas, com metodologias diversas ocorrendo então, a intersubjetividade (entre sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto de estudo.) instituindo um elemento digno, em que a leitura e a escrita aprimorem e auxiliem na aprendizagem de qualquer conteúdo ou área.

Gráfico 07



Gráfico 08



De acordo com o Gráfico 07 – dentre os conteúdos trabalhados na aula de LP – os alunos gostam mais daqueles referentes à leitura e interpretação de textos, com 50%. Embora

a leitura/interpretação não se exima do uso dos elementos gramaticais, estes, parecem para os alunos, que não fazem parte do texto. Há uma fragmentação na aula de LP: leitura, gramática e produção, e em virtude disso, o aluno não consegue perceber no texto esses elementos. Eles acreditam que são partes independentes. Mesmo voltados para o texto, e isso é bom, pois, uma boa parte (20%) ainda valoriza a gramática, quase tanto quanto a leitura. Para eles, ler e decorar as regras ainda são mais fácil do que produzir um texto. A produção pressupõe um trabalho de junção das duas outras partes com a leitura de mundo do aluno. Nem sempre ele consegue articular, na maioria das vezes não consegue, pois aprendeu a escrever fragmentos, e escassos gêneros textuais. Já no Gráfico 08, o conteúdo que menos gostam no ensino de LP é Literatura (aqui entendida no fundamental como a literatura infanto-juvenil) e 60% dos alunos afirmam isso. É um tanto quanto contraditório, já que eles disseram gostar de ler. Parece que eles gostam de ler os gêneros (às vezes curtos e outras vezes fragmentados que vem no Livro Didático) e não, os livros paradidáticos trabalhados pela professora da escola-campo, Elciane Paulino. Inseridos em um mundo digital em que a cada toque, surge uma nova possibilidade, é comum os alunos não se interessarem pela leitura de um livro, que exige paciência e não a pressa dos nossos dias. Para uma grande parte dos alunos da escola, ler um livro é monótono, onde apenas 10% afirmam ler um livro de literatura como está exposto o gráfico seguinte (10), para eles ler um livro é também cansativo, mas essa não é a regra.

Gráfico 09

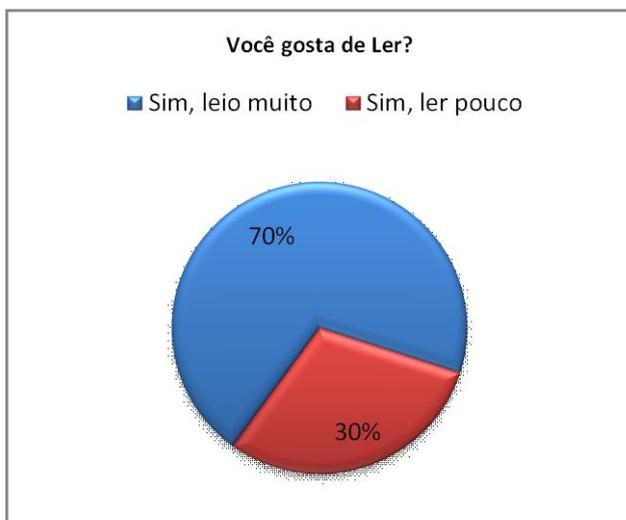
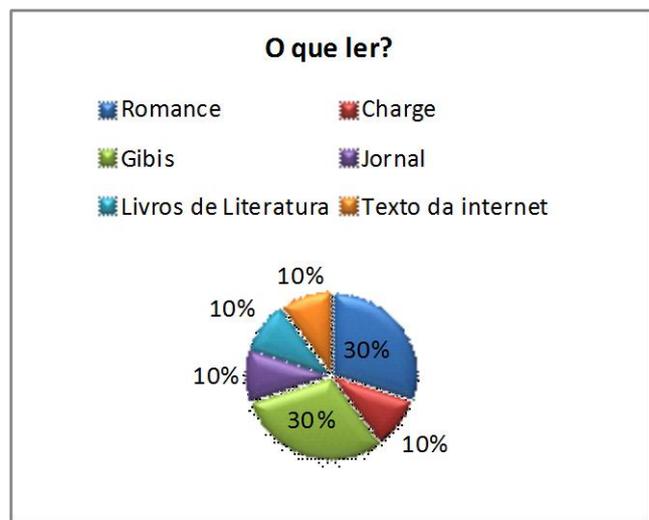


Gráfico 10



No Gráfico 09, foi visto que 70% dos alunos revelam que gostam de ler e leem muito. Acredita-se inicialmente, que em uma tentativa de agradar, todos responderiam que sim. No entanto, durante a participação nas aulas de LP, enquanto bolsista, percebi que os alunos não

gostavam de ler quando se pedia e sentiam dificuldade de ler, mas, que gostavam de ler quando algo interessava a eles. Para 30% deles, a leitura não traz prazer algum. Muitas são as causas, e consequências dessa aversão à leitura, mas os alunos nessa faixa etária não se preocupam com isso. Cabe à professora se desdobrar para através de estratégias didáticas adequadas, que seriam atos estabelecidos e/ou encaminhados para promover a ação formativa, um o ensino criativo, motivando os alunos, conscientizando-os sobre a importância da leitura, e principalmente de seu uso na sociedade.

Se o aluno é capaz de decodificar o texto escrito, se ele é capaz de utilizar a informação sintática do texto na leitura, e se, a demais, ele já completou a aquisição da língua materna, as dificuldades que ele revela na compreensão do texto escrito são decorrentes de estratégias inadequadas de leitura. A prática mencionada, a utilização do texto como pretexto da aula de gramática, certamente contribui para a formação de estratégias de leitura inadequadas, pela ênfase que coloca nos aspectos sequenciais e distribucionais dos elementos linguísticos do texto, justamente aqueles elementos que não são constitutivos do texto enquanto unidade de significação. (KLEIMAN (2004, p. 56).

O aluno precisa saber interpretar um texto, não apenas decodificar as palavras, porque isso prejudica na sua formação, na escrita, na leitura. O professor não deve apenas usar um texto na sala de aula como um mero pretexto, ele deve instigar no aluno o interesse pela leitura de textos e não de frases soltas.

Aos que gostavam de ler, perguntamos: “o que vocês têm lido? O que mais gostam de ler?” Entre os gêneros textuais mais lidos encontramos o romance (30%), são histórias de amor, muito comuns entre as adolescentes e gibis (30%) estes, comuns entre o gênero masculino e o feminino. São leituras fáceis, sem a utilização de palavras “difíceis” para o entendimento do aluno, geralmente sem exigir muito do senso crítico, mas que divertem. Os demais leem outros gêneros, inclusive aqueles próprios do ambiente escolar: livros da literatura. O que me espantou foi o fato de que os alunos não estivessem presos às leituras dos gêneros da internet, talvez seja por falta de acesso, com frequência a esse meio.

Gráfico 11

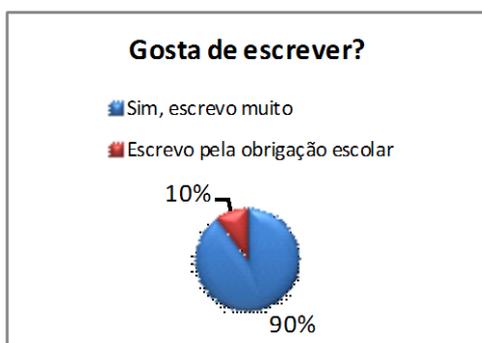


Gráfico 12



O Gráfico 11, mostra que 90% desses alunos afirmaram gostar de escrever, isto é um fato inusitado, pois são poucos os alunos que se predispõem a escrever no ensino fundamental e médio. Mas o gráfico 12 elucida a questão: eles reproduzem constantemente aquilo que o professor escreve na lousa. Apenas 10% afirma que não gosta de escrever, e quando o faz, é por obrigação. Na maioria das vezes o que eles escrevem é uma escrita artificial e inexpressiva, palavras isoladas, frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo. Produções vazias do sentido e das intenções com que as pessoas dizem às coisas que tem a dizer (ANTUNES 2003). Durante nossa participação na sala, vimos que suas produções eram precárias, pois durante muito tempo foram direcionados à reprodução e não, a produção. Seus textos carecem de criatividade, coesão, coerência etc.

No gráfico 12, uma prova de que o ensino tradicional fez e ainda faz escola, ou seja, está presente ainda no cotidiano escolar: 62% dos alunos veem como uma boa estratégia – escrever no quadro e explicar o assunto. O professor reproduz o conhecimento, e o aluno da mesma forma. Um método ultrapassado, mas que infelizmente ainda é uma realidade nas salas de aula. Acredito que o aluno não gosta, mas sim, que essa é uma das metodologias mais utilizadas pelos professores da escola. Para que seja feita uma reforma na aplicação das aulas, foi sugerido que a professora de LP e incentivar a outros que deixem de ministrarem aulas complexas com métodos ultrapassados, inovando cada dia nas suas “estratégias” de ensino, utilizando sempre o Plano de Aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a pesquisa realizada, foram observados alguns momentos da realidade dos alunos da Escola John Kennedy: percebi que a metodologia tradicional ainda está presente na escola, embora haja esforços no sentido de minorar seus efeitos sobre os alunos da instituição. O perfil dos alunos da escola corresponde aquele que vivencia e vivenciou um ensino centrado no professor e menos no aluno e, construído com antigas práticas que deveriam inexistir em uma escola do século XXI. Os alunos, na maioria do sexo feminino, convivem com o ensino centrado na reprodução e não na produção de textos (de diferentes gêneros textuais). Eles afirmam gostar de ler e escrever, duas práticas importantes para o desenvolvimento destes alunos em outras atividades escolares e fora da escola. No entanto, apresentam dificuldades quando a leitura e a escrita são trabalhadas na escola. De forma até inocente, veem a cópia no quadro como um exemplo de aula. Um dado que revela o quanto essa prática foi utilizada e quanto impregnou a visão dos alunos sobre a aula de português. Para eles, essa aula é um

espaço para se sentar e copiar no caderno o que o professor copia no quadro. Ou seja, a aula de português é um exercício de compilação, sem sentido tanto para o professor quanto para os alunos. Enquanto estive lá, observei que os novos professores tentam fugir da tendência da aula tradicional e buscam motivar os alunos nas aulas com práticas de leitura, escrita, interpretação e ensino da gramática, elementos vistos e ensinados durante a aula, e não separadamente, de acordo como os PCN'S. Com a participação do Projeto na escola, juntamente com um desses professores trouxe contribuições significativas nas aulas, para mexer com a dinâmica das aulas, tanto presente em sala de aula, como em outros lugares (como foi trabalhado em teatros, museu etc). Tornando o estudo mais prazeroso.

Destaquei duas atividades possibilitadas pela execução do Subprojeto PIBID: as oficinas didáticas e a produção de aulas dinâmicas. Percebi um avanço significativo no processo de ensino-aprendizagem caracterizado pela participação ativa dos alunos na realização de oficinas, aulas sobre os gêneros jornalísticos como suporte textual de diferentes gêneros. A execução dessas propostas levou os alunos a perceberem a importância da leitura, escrita, interpretação além de conhecer fatos da realidade social que circulam no cotidiano da sociedade, além da aquisição de outros saberes linguísticos que são apresentados de forma dinâmica e interativa.

Nesse ínterim, foi visto que é possível efetuar algumas mudanças: mudar a didática das aulas, com dinamismo, mexendo com o lúdico fazendo com que o aluno esteja motivado a estar dentro da sala de aula participando, interagindo, usando sua capacidade de criar e recriar textos utilizando sua imaginação e conhecendo o conteúdo; criando o diálogo para que estimulem a capacidade reflexiva e a construção de uma visão plural do conhecimento.

### **ABSTRACT**

Studies from the 70 already signaled a crisis in education in general and also about the teaching of the Portuguese language. Current studies confirm this crisis, and today they say it is part of common sense. As a student of the Course of Letters and Fellow Subproject Portuguese Language PIBID / UEPB / CH in the question: who are the students of Portuguese JK? As these students see teaching English in their schools? With the aim of discussing the topic, we conducted a field survey, to raise qualitative data on students and teaching English in E. E. E. F. John Kennedy. Theoretical support we use some assumptions Irandé (2003), Geraldi (2002), Travaglia (2001) and others. We concluded that: school students are students who are interested in teaching English, but that teaching that actually do interact with the world.

Keywords: Perceptions. Students. Education. Portuguese.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. Aula de Português – encontro & interação / Maria Irandé Antunes, - São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (Série Aula;1)
- DIEHL, Astor Antonio. Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- KLEIMAN, Ângela B. Leitura: ensino e pesquisa. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2004
- VALDEZ, D. As relações interpessoais e a Teoria da Mente no contexto educativo. Pátio Revista Pedagógica, Porto Alegre, Artmed, ano VI, v.23, set/out 2002.
- \_\_\_\_\_. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: 2000.
- TARDELLI, M. C. O ensino de língua materna: interações em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2002.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no ensino de 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_. Gramática: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2003.
- <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt13/t132.pdf>
- <http://educador.brasilecola.com/orientacoes/pcnparametros-curriculares-nacionais.htm>
- <http://www.educacao.al.gov.br/indicadores/ideb/o-que-e-ideb>
- <http://educacao.uol.com.br/infograficos/2012/09/03/ideb-indice-de-desenvolvimento-da-educacao-basica-2011.htm>
- <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/08/pais-supera-metas-do-ideb-no-ensino-fundamental-e-igual-no-ensino-medio.html>
- [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/educacao\\_e\\_deslocamento/default\\_xls.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/educacao_e_deslocamento/default_xls.shtm)
- <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=283361>
- <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/gestao/lingua-todas-disciplinas-432179.shtml>